

Revólver vira material didático

Em situação normal, os objetos que um professor leva para a sala de aula são livros, apagador, giz e artigos do gênero. Na Ceilândia, o terror dos últimos anos criou mais um amigo inseparável para alguns professores: o revólver. A esdrúxula situação é confirmada por eles, que, conscientes de que não teriam a aprovação da Fundação Educacional e da Secretaria de Segurança, não se identificam.

“Muitos têm uma arma no armário da sala dos professores ou no porta-luvas do carro. Mas alguns preferem mesmo é carregá-la na cintura, de forma bem disfarçada, é claro”, admite um professor do CE 03 da Ceilândia Sul, que diz deixar a sua

no escaninho.

“Até hoje, graças a Deus, não precisei tirá-la de lá”, ressalta.

Entre os alunos o porte de armas também não é uma novidade na Ceilândia. A diferença é que eles as carregam nem sempre com objetivos estritamente defensivos. “Tem uns que usam porque temem andar sozinhos pelo escuro até em casa, mas outros carregam armas — revólveres e facas — para usar nas constantes brigas que acontecem dentro e fora do colégio”, explica o porteiro de uma escola da Ceilândia Norte.

FRAUDE

A insegurança dentro dos colégios cresce ainda mais na me-

dida em que a entrada de estranhos é cada vez mais fácil. Nem mesmo a confecção de autorizações provisórias está controlando essa situação, como admite uma professora do CE-08 da Ceilândia Norte e que pôde ser comprovado entre os próprios alunos. “Quando tem algum amigo meu que quer entrar pra ficar paquerando as gatinhas no corredor, eu entro primeiro e depois passo o papel por um buraco no canto do muro”, confessa um estudante. Esse procedimento é fácil porque as autorizações não possuem a fotografia do estudante e, dificilmente, o guarda ou os professores que ficam no portão exigem a apresentação simultânea de um documento de identificação.